



PROCESSOS DE CARNAVALIZAÇÃO DA LITERATURA:
SENTIDOS E DISCURSO

LITERATURE CARNIVALIZATION PROCESSES:
MEANINGS AND DISCOURSE

Alissa de Sá Alves da SILVA
Terezinha Andrade da COSTA





RESUMO

Este artigo tem por objetivo traçar uma interface entre as narrativas literárias presentes nos livros, e os processos de carnavalização em que passam ao ser tornar um enredo de Escola de Samba. Para isso, tomaremos como exemplo o clássico literário “Dom quixote” e o desfile da Mocidade Independente de Padre Miguel de 2016. Assim, usaremos os argumentos trazidos por Mikhail Bakhtin no livro *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais* (1965), além dos conceitos de paráfrase e polissemia (ORLANDI, 1985) e de efeito metafórico (PÊCHEUX), a fim de contextualizar os deslizamentos de sentido entre a narrativa literária e carnavalesca.

PALAVRAS-CHAVE

carnaval; discurso; literatura.

ABSTRACT

This article aims to draw an interface between the literary narratives present in the books, and the carnivalization processes they undergo when they become a plot of the Samba School. For this, we will take as an example the literary classic “Don Quixote” and the parade of the Independent Youth of Padre Miguel in 2016. Thus, we will use the arguments brought by Mikhail Bakhtin in the book *Popular culture in the Middle Ages and the Renaissance: the context of François Rabelais* (1965), in addition to the concepts of paraphrase and polysemy (ORLANDI, 1985) and the metaphorical effect





(PÊCHEUX), in order to contextualize the slips of meaning between the literary and carnival narrative.

WORDKEYS

carnival; discourse; literature.

PROCESSOS NARRATIVOS

Desde meados do século XII a literatura se tornou uma grande forma de representação artística, seja através de cantigas, recitais; sejam pela sua manifestação verbal dentro dos jornais revistas, livros e etc. No entanto, o gênero narrativo se disseminou de forma brutal, principalmente por meio de novelas divulgadas em jornais semanais. Tudo a que nelas estava inserida, desde a complexidade dos personagens ao clímax da história, envolvia e entretia a todos de forma mágica.

Podemos considerar que, o gênero “narrativo” em si, não se filia ao compromisso de retratar a realidade literal que cerca o mundo social. O “real” apresentado, é dirigido através de articulações dos fatos dentro do enredo, por meio de artifícios narrativos que atestam uma obra coerente, baseada aos modelos literários de cada época específica, sempre promovendo diversos modelos estéticos.

É importante ressaltar que, em um modelo de narrativa literária (romance, conto, etc) é importante observar aquilo que se fala e como é falado. Assim dizendo, para efeitos de análise, deve-se diferenciar dois planos essenciais: o da história e o do discurso, planos esses, que promovem





uma estrutura na narração. Na esfera da história em si, atenta-se ao que é contado; já no discurso, é necessário observar como os fatos são narrados.

A temática é um elemento essencial da narrativa, ou seja, é o foco narrativo. Ele se configura na sequência de todos os acontecimentos, nos quais o leitor, com sua imaginação e lógica deve interpretá-los de forma a entender toda a trama e ação. Aguiar e Silva ainda esclarecem que

A narrativa, com efeito, representa a interação do homem com o seu meio físico, histórico e social, correlacionando sempre uma ação particular com o “estado geral do mundo”, com a “totalidade da sua época”, com o “terreno substancial” em que ela se insere e se desenvolve. (AGUIAR E SILVA, 1990:206-207)

Por outro lado, ainda na arte de narrar, temos o carnaval das escolas de samba, que cumprem um papel bastante parecido com o da narrativa literária. Contudo, por ter formato diferente, e usufruir do uso do verbal e não-verbal, acaba possuindo intencionalidade diferente. A narrativa carnavalesca é iniciada pela construção da sinopse de enredo (verbal), sinopse essa que se materializa nos desfiles através de fantasias, alegorias, adereços, representações artísticas, etc. (não verbal). Logo, seu conjunto narrativo se torna um pouco mais complexo e diferente dos tradicionais livros de histórias, além de possuir funcionalidades dispare.

É válido considerar que, o sujeito ao se colocar como leitor de uma narrativa literária carregue consigo alguns objetivos nessa atividade: entretenimento, leitura, emoção, imaginação e ao fim da jornada, uma opinião. Com isso, observa-se que variadas questões são tocadas a respeito do processo de leitura, mas todas remetem a um movimento entre liberdade





e determinação. Nenhuma leitura tem um padrão, toda leitura é empírica, instruída a cada leitor individual.

Em contraste com a experiência empírica da literatura, no carnaval, além do espectador, o qual se põe no lugar do nosso “leitor”, que assisti aos desfiles das escolas de samba, por paixão e entretenimento, temos a presença de um elemento-chave a mais: o júri. Nesse caso, todo processo, além de ser apreciado, possui o peso do julgo de todos os segmentos: narrativo, visual e musical.

1. A CARNAVALIZAÇÃO DA LITERATURA

A inserção de segmentos a mais no molde do carnaval, nos leva ao conceito de carnavalização do literário (enredo), pois a história ganha outros formatos além da nossa imaginação. Além disso, a manifestação carnavalesca é viva, produz o riso, a interação e principalmente a subversão. Bakhtin afirma que:

Os espectadores não assistem o Carnaval, todos eles o vivem, porque, por sua qualidade mesma, o Carnaval é feito para o conjunto do povo. Durante todo o período carnavalesco, ninguém conhece outra vida senão a do Carnaval. Impossível escapar, o Carnaval não tem fronteiras espaciais. Enquanto dura a festa, só se pode viver conforme suas leis, isto é, conforme as leis da liberdade” (BAKHTIN, 1985, p. 6)

1.1. DESLIZAMENTOS DISCURSIVOS

Com isso, quando uma Escola se propõe a levar uma manifestação literária para a avenida, já está ocorrendo um processo subversivo, em que o carnavalesco (autor), dará outra leitura à história base de seu enredo. E é





nesse momento, que se encaixa o conceito de *carnavalização* (BAKHTIN, 1999), o qual está ligada inerentemente às manifestações populares, pois visa carnavalizar, parodiar e subverter a sobriedade trazida nas narrativas literárias e poéticas, trazendo o transcendentalismo nessa arte. Desse modo, é a transposição da linguagem do carnaval para a linguagem da literatura que chamamos de carnavalização da literatura. (BAKHTIN, 1987, p.122)

Para exemplificar os conceitos abordados no momento, trataremos sobre o enredo trazido pela Mocidade Independente de Padre Miguel, “O Brasil de La Mancha: Sou Miguel, Padre Miguel. Sou Cervantes, Sou Quixote Cavaleiro, Pixote Brasileiro”, baseado no grande clássico da literatura espanhola *Dom Quixote*. Na sinopse de enredo escrita por André Luis da Silva Junior, a escola da zona oeste do Rio de Janeiro propõe uma releitura do livro de Cervantes, focando em apoderar-se dos anseios e fantasias do pequeno fidalgo Dom Quixote, as quais por muitas vezes, são contestadas pela dura realidade.

A barreira realística enfrentada pela Mocidade no enredo são os desafios da educação no Brasil. Assim como o personagem Dom Quixote, a escola embarca em uma aventura na busca de novas possibilidades de enxergar o mundo como um lugar melhor. Dessa forma, a esperança aparece de forma carnavalizada, pois também rompe as barreiras de protesto habitual, visto que essa reivindicação ocorre através do lúdico e do riso, como foi levantada por Bakhtin (1999). Essa visão é perceptível no seguinte trecho do texto base:

“Ele sonha lutar com gigantes que pela própria natureza não somam, subtraem. E como compreender é o primeiro passo para transformação, ávido leitor, o cavaleiro andante relê nossa história até perceber que A hora da estrela há de chegar. Descobre que a Mocidade, eterna fábrica de sonhos e alegria, é a estrela guia, que sai à rua para defender o





Brasil de toda Mancha. Está na Mocidade toda a esperança de dias melhores, de tempos mais justos, de seres mais humanos.” (SINOPSE, MOCIDADE INDEPENDENTE DE PADRE MIGUEL, 2016)

Ao se inspirar no romance de Cervantes e fazer uma nova leitura, a escola entra em outro processo: o parafrásico. Esse processo é baseado no conceito de paráfrase abordado por Orlandi (1990). Ao contrário da paráfrase literária, a paráfrase proposta por Orlandi perpassa a análise do discurso. Essa paráfrase é o sentido já existente, sendo retomado daquilo que já fora dito, ou seja, “é a ruptura de processos de significação” como declara Orlandi (2001, p.36). Logo, ao trazer uma nova roupagem, em caráter de manifesto por um país melhor, o carnavalesco propõe o novo, a partir de um sentido já existente, promovendo uma ruptura, o polissêmico.

A compreensão desses movimentos parafrásicos e movimento polissêmico, isto é, esses deslocamentos contínuos de significação, observamos também o efeito metafórico. Esse efeito metafórico, também fugindo da definição literário, é definido por Pêcheux (1969), como um efeito semântico que ocorre numa substituição contextual, logo, o que acontece então é um deslizamento de sentido entre x e y. Nesse caso, vamos pensar como (x) o romance “Dom quixote” e (y) o enredo da Mocidade Independente de Padre Miguel. É notório esses deslizamentos a partir da sinopse da escola:

Qual “Abaporu” a devorar imaginações, levanta-te novamente, Quixote comandante e vem tocar seu rebanho, invisível, errante, de meninos, Pixotes, fidalgos ninguém e faça deles seu exército verde esperança, de sonhos de criança que valem ouro, prata, níquel, vintém. Vem limpar as nódoas deste meu país gigante. Lembre-se sempre da ordem da cavalaria, da meta de todo dia: acreditar na justiça, educação, saúde e fraternidade, no respeito à terceira idade, nos sonhos da Mocidade. (SINOPSE, MOCIDADE INDEPENDENTE DE PADRE MIGUEL, 2016)





Nesse jogo de palavras, observa-se que (y) usa de todo repertório narrativo das navegações ilusórias inspiradas nos romances de cavalaria de dom quixote (x), para contextualizar o enredo proposto. É nesse jogo de transição de sentidos que ocorre o processo metafórico, tem-se o deslocamento, a ruptura das viagens de Dom Quixote para a viagem desenhada pela Mocidade.

Dessa forma, em nosso material de análise, percebemos que qualquer discurso pode ser ampliando, tanta na sua forma, quando em seu conteúdo. A literatura, assim como qualquer manifestação artística é fonte inesgotável de sentidos. Cada leitor é único, assim como cada autor. Os processos de carnavalização da literatura, além de romper com barreiras sociais importantes, traz ao público-alvo uma fonte inesgotável de interpretações, imaginação e reedições advindas de uma mesma fonte.

REFERÊNCIAS

ABDALA JR, BENJAMIN. **Introdução à análise da narrativa**. São Paulo: Scipione, 1995. BARTHES, ROLAND (et. al.). **Análise estrutural da narrativa**. 5.ed. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2008.

BAKHTIN, M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec, 1999

CERVANTES SAAVEDRA, Miguel de. **Dom Quixote**. São Paulo: FTD, 2013.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, M. **Metáfora e Interdiscurso**. In: Pêcheux M. **Análise de Discurso**: Michel Pêcheux. Textos selecionados por Eni Puccinelli Orlandi. 4ª. ed. Campinas: Pontes; 2014. p. 151-161





SILVA JUNIOR, André Luis da. **Sinopse, Mocidade Independente de Padre Miguel**, 2016. Disponível em <<http://www.apoteose.com/carnaval-2016/mocidade-independente-de-padre-> HYPERLINK “<http://www.apoteose.com/carnaval-2016/mocidade-independente-de-padre-miguel/sinopse/>”miguel/sinopse/>

SOUZA, T. 2001. **A análise do não – verbal e os usos da imagem nos meios de comunicação**. In: Rua (Revista do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade da Unicamp), nº 7. NUDECRI – Campinas, SP: Unicamp.

